



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por
ANÃO SABICHÃO



OM certeza todos os meus amiguinhos que se finam por estar numa praia, onde podem, à vontade, brincar e tomar banhos divertidos, vão ficar espantados quando eu lhes disser que um dos leitoresinhos do *Pim-Pam-Pum* — o pequeno Carlinhos, — embirrava solenemente com isso!

Já era falta de gosto!

O facto é que os pais se ralavam por o verem muito magrinho e pálido.

O seu maior desejo seria levá-lo para uma praia, onde o sol, o ar e a água, o poriam rijo e corado, como maça camoêsa!

Mas o Carlinhos não podia ver nem mar, nem areia, nem pedrinhas! Se até tomára birra aos peixes, só porque eles viviam naquelas águas detestadas!

Este Anão também se arreliaava com aquela casmurrice do Carlinhos! Havia de convencer o rapazinho às boas, como é meu costume!

Um dia, estava êle no jardim e zás!... caí-lhe aos pés um lindo e grande búzio.

E quem vinha dentro dele? A minha minúscula pessoinha, tão minúscula que cabia dentro daquela casinha, todo enroscadinho!
Como viera ali

dar aquele búzio? — pensava consigo o Carlinhos, não se atrevendo a tocar-lhe, cheio de receios. Chamou a mãe e disse-lhe o que sucedera. A mãe apanhou o búzio do chão e levou-o ao ouvido.

E eu segredei-lhe:

— Cá dentro está um Anão que vem na boa intenção de tirar os macaquinhos da cabeça do Carlinhos.

— O' mãe, o búzio fala? — perguntou o pequeno, admirado.

(Continua na página 4)



CONTO da PRIMAVERA

POR CARLOS NADIR

EM TEMPOS, muito antigos, ouve fadas e gnomos, génios bons e maus, dragões horripilantes, serelas sedutoras, bruxas malignas, e tantas outras coisas exqu岸itas que nem se podia dar um passo fora de casa sem tropeçar em aventuras espantosas. Não sei que aconteceu, com o amontoar dos anos, que tudo isso se sumiu. Conta-se, embora não esteja provado, que as fadas foram para a Lua, levando os gnomos em sacos; que os génios se comeram uns aos outros; e que os dragões foram mortos pelos chineses. Serelas, ainda as há, mas perderam o rabo de peixe; e, pelas aldeias, quando, em noite escura, se enxerga ao longe uma luzinha a andar, baloiçada pelo vento, diz-se:

— Val acolá uma bruxa! E chegamo-nos uns para os outros...

Não sei se isto é verdade, mas a história que vão ouvir tenho-a como certa, que ma contou minha avó, que a sabia de sua avó, e assim sucessivamente, andando pelas gerações, até mil anos passados; tanto que não se deu neste país, mas noutra, onde nasceu a mãe de minha mãe.

Fugiu-me da memória o motivo que levára o génio mau a encantar a menina. Minha avó já não é deste mundo e não lho posso perguntar. Mesmo não interessa... Basta saber que um desses patifes deitara um estranho encantamento á rapariga mais linda que então havia no mundo.

Puzera-a á janela duma cabana, no sopé da montanha mais alta e aguda que encontrou naquêlo país.

No cimo dessa montanha, sempre coberto de neve, ergueu um castelo de ouro com torres vertiginosas onde tremulavam flâmulas. Em baixo, o vale era ameno, ensombrado e fresco.

Logo que o Sol vinha á janela para alumiar os campos, começava a menina a tecer. Tecia pano vermelho como a luz que nascia, e estava pequenina como se acabasse de vir ao mundo. Conforme decorriam as horas, iam mudando de cor os fios da sua obra, que passavam de vermelhos a alaranjados e de alaranjados a brancos, seguindo o aclarar do dia. Ao mesmo tempo crescia ate se tornar numa rapariga tão bonita que nunca percebi como seria tal beleza, porque, se eu perguntava: tinha a boca assim e os olhos assado?—minha avó atalhava logo: Qual história! Muito melhor do que isso!...

Com o declinar do dia escureciam os fios, que se faziam nówamente cor de laranja, vermelhos e, com o chegar da noite, violeta e azuis escuros.

Quando o Sol, ao fechar a janela, entornava a escuridão por cima das coisas, estavam negros como carvão.



Também a menina ia envelhecendo. Começando os mochos a piar, a horas mortas, estava ela transformada em velhinha e profundamente adormecida. Acordava na manhã seguinte, outra vez criança, e continuava o seu fadário, envelhecendo e tornando-se nova, sempre a tecer uma peça com as mesmas cores.

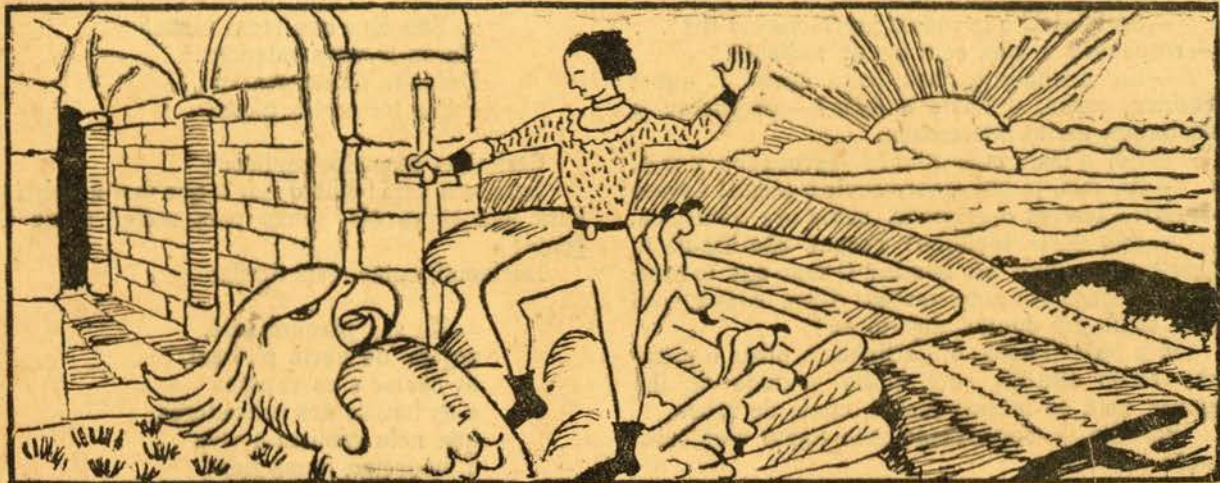
Passaram-se, assim, muitos anos, muitos, até que, sendo já tanto o que estava feito que se amontoava no vale, uma enorme águia branca desceu, de manhã, das serranias, segurou nas garras a extremidade da peça e voou em direcção ao castelo de ouro, entrando, como rápida flexa pela larga porta escancarada. Ficou, assim, estendida por toda a montanha uma passadeira que indicava o caminho para o castelo maravilhoso. Então, impelida por força desconhecida, a rapariga encantada começou subindo esse caminho colorido que ela própria construíra. Mudava de figura conforme andava do vermelho ao negro. Ao chegar a este, estava velha como a mãe de todas as velhas, mas logo ficava novinha ao pôr o pé no encarnado.

Felizmente, o pedaço que chegava á porta era branco como a neve, e ponde, assim, entrar no castelo jovem e graciosa, com uma beleza de sonho tão grande que ainda hoje sonho com ela, sem nunca a ter visto...

Mas, logo que entrou, adormeceu. Vieram, então, mais quatro águias brancas que a ergueram com cuidado e, levando-a para uma sala imensa de teto de diamantes, a deitaram numa caixa feita de uma só esmeralda. As águias pousaram nos cantos do esquite e ficaram imóveis como pedras, o olhar fixo e faiscante, prontas a defenderem ferozmente a bela adormecida.

Passaram ainda mais anos, anos feios e bonitos, gordos e magros. Um dia, certo gnomo aventureiro, voou até á mansão da montanha e espreitou por uma fresta. Viu





tudo; ficou alvoroçado e logo veio para baixo a dar com a língua nos dentes.

Não foi preciso mais nada... Dali a pouco, era caso de espantar topar-se bicho que ignorasse tal espectáculo. Não pela raridade da maravilha, que, segundo dizia minha avó, nesse tempo havia tantas daquelas coisas que andavam a pontapés, mas por se afirmar que, quem desencantasse a donzela, ganhava o castelo e conseguia casamento.

Ora o rei daquela terra tinha quatro filhos. Os três mais velhos, que eram uns verdadeiros galfarros, puxavam-lhe um pé para a cova, e o mais novo, que era bom, puxava-lhe o outro pé para casa e para o reino.

A verdade é que os tais príncipes formavam uma trindade que parecia saída do inferno. Atavam latas ao rabo dos cães, puxavam os bigodes aos gatos, tresmalhavam os rebanhos, metiam-se com as raparigas e faziam pouco dos pobres...

Enfim, se quizesse pôr, por escrito, as patifarias que eles cometiam não haveria tempo nem papel que chegassem. Minha avó contava-me esta história todas as noites e, em cada vez, variavam as maroteiras. O ponto é que não se encontrava gente mais ruim; nem melhor que o príncipe Marco, que era o contrário dos irmãos.

Foi, então, apesar dos ralhos e prevenções do pai, que resolveram partir à conquista do mistério. Conser-taram, entre si, sair em dias diferentes, e, logo na madrugada seguinte, montado no seu corcel de batalha, foi-se o mais velho, que era uma espécie de rufião muito bem vestido.

Numa curva do caminho topou com um velho muito velho, corcovado e barbudo, coberto de farrapos, que, estendendo a mão, lhe disse em lamúria:

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, três esmolinhas...

O príncipe parou o cavalo.

— Estranho êsse modo de pedir, que não me agrada, carcassa duma figa! Eu só dou esmola em nome do diabo... Toma-a lá!

E, mesmo do alto da sela, disparou-lhe um pontapé. Riu-se, deu de mão ao cavalo e continuou a jornada. O velho caiu por terra e ficou-se a resmungar, de punhos cerrados.

Aos outros dois príncipes sucedeu a mesma aventura, porque lhes estava no ânimo de perfeitos brutos proceder de maneira semelhante.

Mas o mais novo, ao vêr o pobre ancião, apiou-se con-doído, ofereceu-lhe do seu farnel, deu-lhe dinheiro. E então o velho ergueu o braço, para dizer:

— Tens tanto de bondoso quanto teus irmãos têm de perversos. Por isso eles sofrerão o castigo e tu serás recompensado. Sei o que procuram, e far-te-ei feliz porque conheço o segredo de todos os mistérios. Sobre a montanha, como caminho para o castelo, encontrarás uma passadeira de cores variadas. Não sigas por ela, que é como muitas vidas unidas pelo tempo e em breve morre-

rias de velhice! Vai andando a seu lado, sem a perdeses de vista; mas livra-te de a pisares!

Nesta altura, não me lembro se o bruxo — que não era outra coisa o tal homem das barbas — se sumiu pelo chão a deitar fumo, ou se, feito passaro, ia pelos ares. De uma maneira ou de outra, desapareceu, e o príncipe Marco seguiu no seu corcel.

Ao fim de dois dias deu com o vale, com a cabana já em ruínas e com a montanha escarpada em cujo cimo refulgia o castelo de ouro. Avistou a passadeira mágica e, sem hesitação, começou a trepar a encosta andando ao lado dela. Em breve foi forçado, pela rudeza do pizo, a abandonar o cavalo, e, poucas horas depois, estendido sobre uma porção negra da passadeira, viu, já morto, um velho muito mirrado, ricamente vestido, tendo à cinta uma espada magnífica. Marco parou atônito e cheio de dôr, porque reconheceu o irmão mais velho. Mais adiante, estavam os outros dois, igualmente envelhecidos, como se tivessem duzentos anos, vítimas da maldade que os roía. Várias vezes se sentiu tentado a correr para eles, para os trazer consigo. Mas, lembrando-se que morreria inutilmente, sem conseguir o seu fim, continuou a ascensão penosa e arriscada. Dormiu algumas noites em grutas da montanha e, depois de muito trabalho, com o fato rasgado, ferido, enregelado pela neve, chegou, enfim, a porta do castelo.

Apesar do desalinho, estava belo como um arcânjo. Quando entrou, as quatro águias brancas, vibrantes de raiva, lançaram-se gritando sobre ele. Mas o príncipe matou-as com a espada, sempre leal aos heróis.

Nesse momento acordou a menina, com toda a sua beleza vibrante, que correu para logo o abraçar como se fossem amigos de infância.

A passadeira enrolou-se, então, com grande estrondo, pela montanha abaixo, e foi cair num imenso lago que surgiu no vale. Diz-se que não havia água com cores mais lindas do que a desse lago. Nem admira...

Marco e a menina desencantada casaram, viveram no castelo de ouro e bem governaram a sua terra.

Minha avó, quando chegava a este ponto, puxava os óculos para a ponta do nariz e dizia-me:

— Na vida, nunca devemos experimentar os exemplos que nela encontramos e que nos podem matar; mas devemos olhá-los, servirmo-nos deles, como guias do caminho pelo qual pretendemos atingir os nossos fins.

E eu ficava a cismar:

— O que a avó quere é, quando eu fôr à copa, que não coma os doces...

Então, quando lá ia, andando, olhava para a marmelada, que as môscas comiam, e, chegando às passas, enchia com elas a barriga.

Outras vezes, via as môscas chuparem as passas e atulhava-me de marmelada.

Só hoje compreendo a história, mas não consigo aplicar a moral...

O INIMIGO DO MAR — (Continuado da pág. 1)

— Se fala! E que cousas acertadas êle diz!...
— respondeu a mãe, com um ar radiante.

— Eu também gostava de o ouvir! E quem ensinou, assim, o búzio a falar? — perguntou o Carlinhos, muito interessado.

— Foi o mar, meu filho! — respondeu a mãe.

— Ai, mãe, já não quero ouvir o búzio! Leve-o daqui! — bradou o pequeno, numa voz assustada.

— Não sejas tontinho! Porque não hás-de tu guardar um búzio tão bonito? O mar que to mandou, lá tinha as suas razões! Ouve a sua voz! Fala como um doutor, digo-to eu!

E a mãe deixou o Carlinhos a olhar o estranho búzio falante, com muita vontade de lhe mexer, mas, ao mesmo tempo, cheio de medo.

Por fim, a curiosidade fê-lo tomar uma resolução heróica!

Decidiu-se a estender a mãozita e a pegar no búzio.

Devagarinho, receioso, chegou-o ao ouvido.

Aproveitei logo a ocasião e murmurei:

— Carlinhos ouve o que eu digo
que é um conselho de amigo:
Não tenhas horror ao mar,
vai para a praia brincar!

O pequeno resmungou aborrecido:

Afinal o que tu pregas é exactamente o mesmo discurso que eu estou farto de ouvir ao pai e a mãe.

Eu tornei:

— São êles que teem razão!
Torna-te mais valentão!
Deixa-te de ser maricas,
é feio ter tantas nicas!

Carlinhos, amuado, replicou!
Será feio, será! Mas o mar é que tem a culpa!
Para que serve êle, senão para meter medo à gente:

Declamei, então, esta tirada:

— Na sua planura azul,
vogam, de norte p'ró sul,
os navios e os vapôres
e os barcos dos pescadores,
que nele ganham a vida
a mourejar, numa lida!

— Servirá para os pescadores! Agora para os meninos!... e o Carlinhos abanou a cabeça, cheio de dúvidas.

Eu continuei:

... no mar largo,
pescam pargo,
na beirinha,
é a sardinha,
nos rochêdos, mexilhões,
e nas pôças, camarões!

Tudo isso é muito bonito, mas eu não sou pescador! — teimou o rapazinho.

A lenga-lenga, dentro do búzio, prosseguiu:

— Ai, que bom que é,
pescar burrié!...
Andar à gandaia,
a brincar na praia!
Apanhar conchinhas,
búzios e lapinhas!
Nem fazes idéa,
como é linda a areia
que parece de oiro,
o grande tesoiro
que é para a pequenada
que, nela assentada,
faz covas, castelos,
que dá gôsto vê-los!
É andar bordejando
co'os pés chapinhando...
Quando a onda vem,
a graça que tem
sentir o beijinho
que o mar, de mansinho,
p'ra não assustar,
à praia vem dar!...





Carlinhos parecia agora abalado com esta cantilena, mas ainda não se deu por vencido.

— O mar é mau! — repetiu casmurro.

— O mar é amigo,
quer brincar contigo.

Tornei eu.

— Mas faz muito barulho!... resmungou o bérrento Carlinhos:

— A cantiga infinda,
tão doce, tão linda,
com que nos embala,
não é uma fala,
é uma melopeia
que ele canta à areia!

Volvi, convincente.

Como pensando de rijo, o amigo Carlinhos, murmurou:

— Lá que o búzio fala bem, isso fala!...

E a minha voz, tornou:

— Anda à gandaia,
descalça na praia,
com um balde e uma pá,
é o melhor que há!

Ao acabar de dizer isto, dei um pulo cá para fóra e apresentei-me em frente do embasbacado Carlinhos.

— Olha, é o Anão do *Pim-Pam-Pum!* — exclamou, cheio de pasmo.

— E' verdade, meu amiguinho!

O Anão Sabichão passou um mau bocado a fazer de habitante dêsse búzio, por tua causa! E como sofri muita falta de ar, sabia-me bem respirar, agora, o ar salgado do mar.

Queres tu vir comigo para uma praia, Carlinhos? Brincavamos juntos!

— Como o amiguinho Anão deve ser muito divertido!... — bradou, radiante, o nosso Carlinhos.

Como prometera, servi, então, de companheiro ao amigo Carlinhos.

Passavamos o tempo na praia.

Quando ele tomava banho, eu vogava perto, dentro duma caixinha de fósforos.

Prêso a um pêlo da minha barba, o Carlinhos perdera, de todo, o medo!

Já não queria outra vida, senão estar dentro de água, ou brincar na areia.

Quem o visse, nem o conhecia!

Rosado, alegre, com os olhos brilhantes, fazia gosto vê-lo!

Muitas vezes me confessou que estava arrependido de não se ter deixado convencer mais cedo!

E logo me dá muitos beijinhos agradecidos, porque diz êle, se não fôsse o seu amigo Anão, ainda era capaz de, a estas horas, ter raiva ao mar, à areia, às pedrinhas e ao peixe, as cousas que êle mais aprecia!

O LINDO LIVRO PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr á venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

QUEM MUITO FALA... POUCO ACERTA!...

POR FELIZ COSTA VENTURA

DONA Pata formozinha, formozinha sem igual, morava numa casinha, mesmo ao fundo do quintal.

Mas, toda a vez que a patinha Se banhava na cascata, Perúa, sua vizinha, Logo armava zaragata.

— « Ai, que ruím criatura
veiu para aqui morar;
— (dizia, rindo a Perúa) —
anda, sempre, na cascata,
toda tóla, a chapinhar! »

Um dia, a Perúa andava em seu giro matinal, e, na forma habitual, onde passava, contava as façanhas da patinha; sempre dela a dizer mal, numa ironia escarninha.

O Fiel, um cão par'cido com êsses lobos de Alsácia, que era o guarda do quintal, ouvindo a sua falácia, vem de lá, enraivecido, e agarra-a por uma asa.

Põe-se a Perúa a gritar, pondo tudo em alvoroço, E o Fiel todo contente,

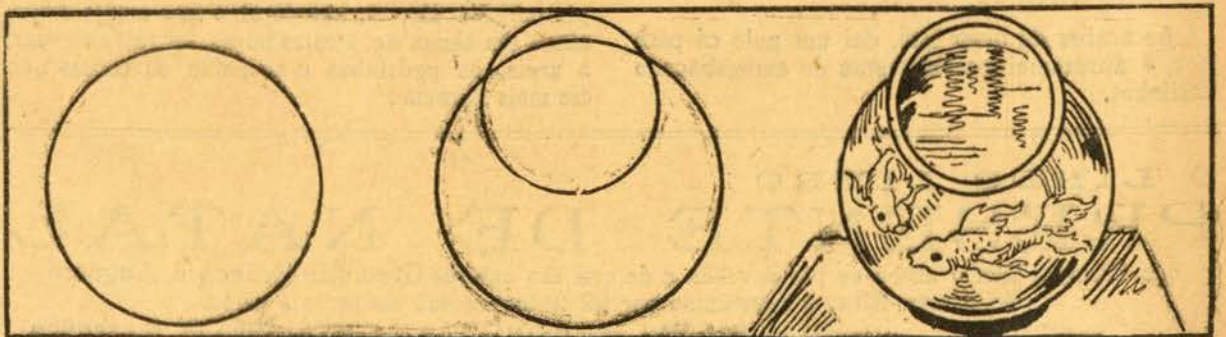
com sua voz altaneira, à grande bisbilhoteira que foge um pouco prudente grita-lhe desta maneira:
— « Toma lá para o almôço! »

A Perúa, longo tempo, teve a asa em curativo. Quando alguém, que não sabia, lhe perguntava o motivo de andar tão desengonçada, ela nada respondia e fugia envergonhada.

Meninos: — vêde êste exemplo... cada qual faz o que quer! Não nos devemos meter onde não somos chamados! Porque, às vezes, sem querer, podemos ser castigados!

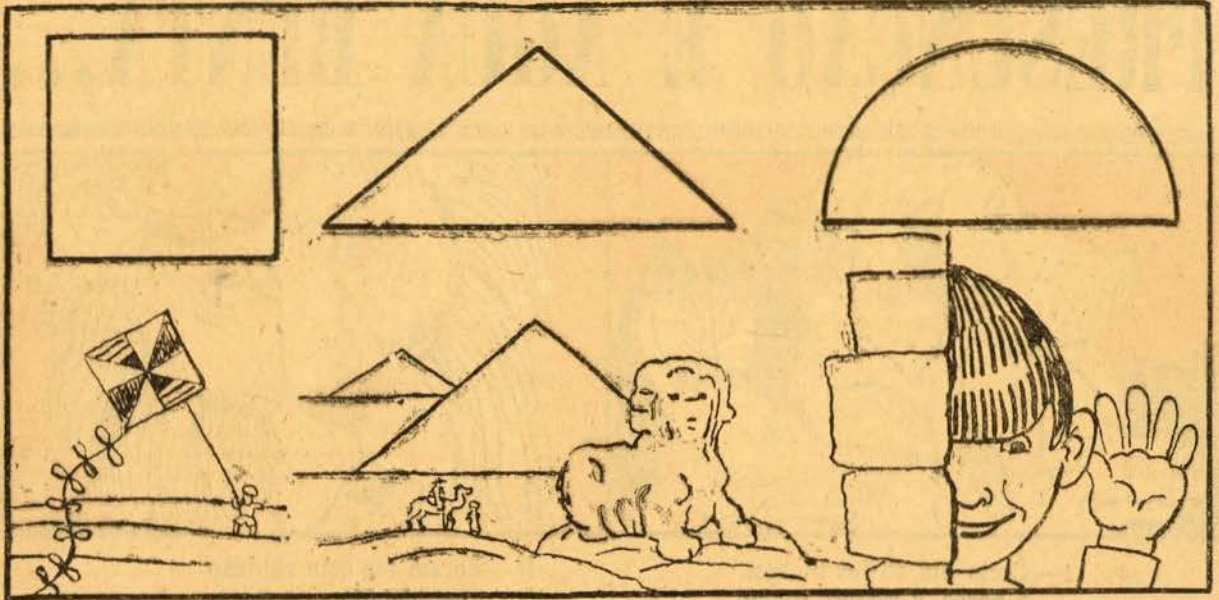


L I Ç Ã O D E D E S E N H O

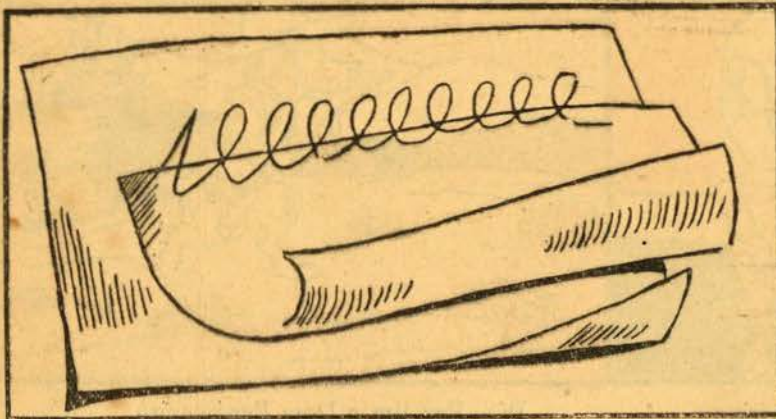


C O M O S E D E S E N H A U M A Q U Â R I O

O NOSSO CONCURSO — Novas exemplificações



SOLUÇÃO DA ADIVINHA ANTERIOR



1.º — Os concorrentes deverão fazer um desenho da sua invenção, desenvolvendo o motivo das três figuras geométricas, isto é: utilizando-as como ponto de partida e base principal. As três soluções que as acompanham, podem servir de exemplo.

2.º — Os desenhos serão feitos em papel branco, a tinta bem preta e de qualquer dimensão sempre que não excedam 6 X 7 centímetros. As figuras geométricas podem ser desenhadas em qualquer sentido e as soluções devem ser enviadas sobre uma figura ou sobre as três separadamente.

3.º — O prazo da entrega termina no dia 31 de Agosto.

4.º — Os desenhos serão enviados à Redacção do «Pim-Pam-Pum» — Rua do «Século», 49.

N. R. — Todos podem mandar soluções, mesmo que não saibam desenhar pois serão também tomadas em consideração a simplicidade e a graça dos desenhos.

CONCURSO DA SECÇÃO INFANTIL DA EMISSORA NACIONAL



Dinah Fontes Machado
(Classificada)

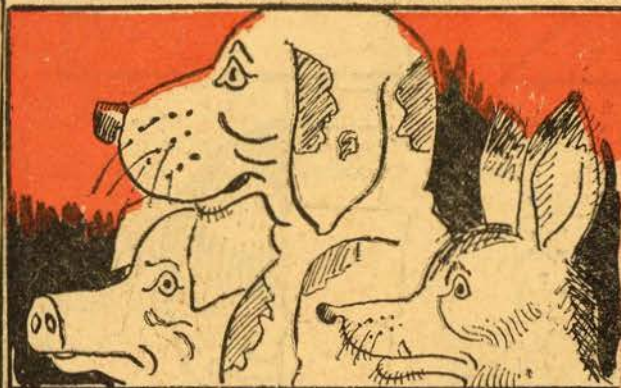
José M. da S. Carvalho
(Classificado)

Maria M. S. de Oliveira
(1.º Prémio)

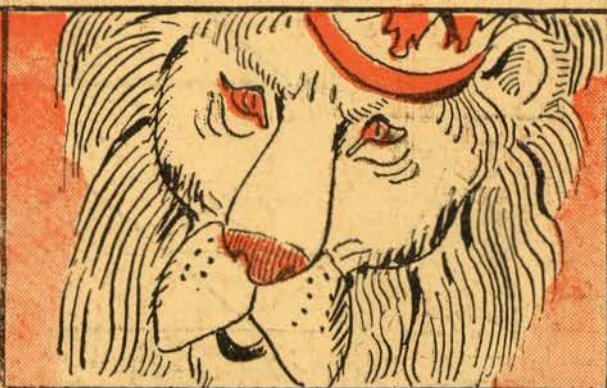
Fernão T. Henriques
(2.º Prémio)

Maria G. Matias Pinto
(Classificada)

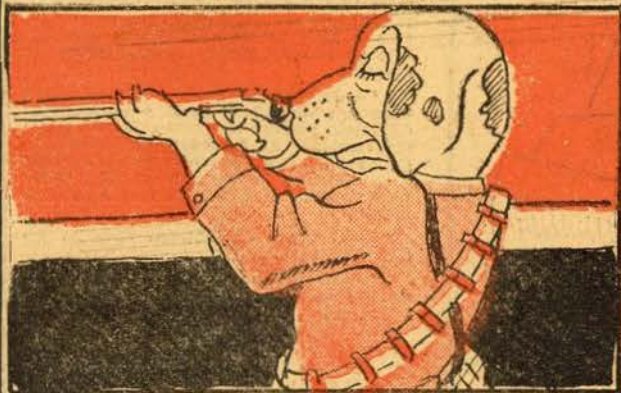
PRESUNÇÃO E AGUA BENTA...



I— Certo dia vários bichos, o porco, a raposa, o cão, saindo lá dos seus nichos, decidiram, em cochichos, tratar da emancipação.



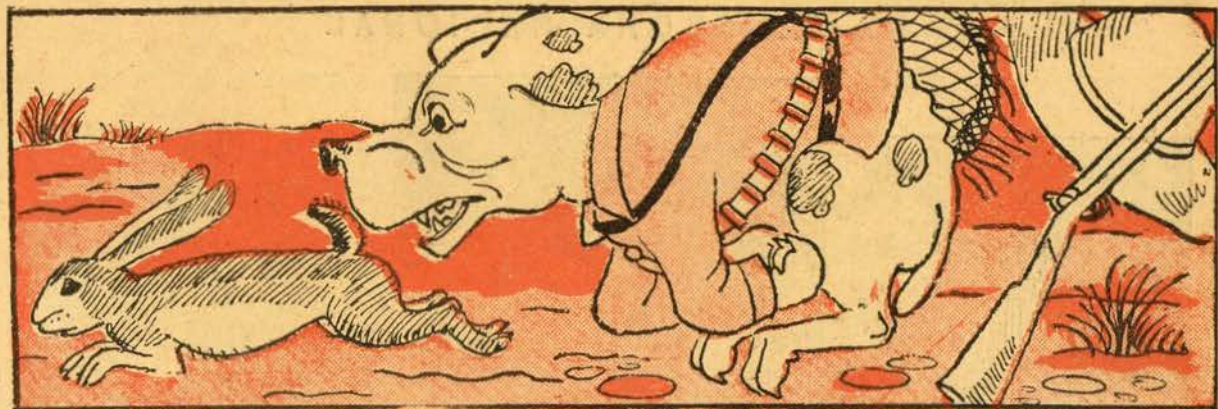
II— Foram ter com rei-leão que, por estar de maré, lhes deu sua aprovação; ordenando que de pé passasse a andar senhor cão.



III— Então, com ar sup'rior, o cão, que era um cão de guarda, decidiu ser caçador; foi buscar uma espingarda e exercitou-se a primôr.



IV— Por fim o Dom Perdigueiro pelo campo, a eito, a esmo, vai para a caça, lampeiro, com arma mas sem rafeiro, visto o cão ser ele mesmo.



V— Surge, nessa ocasião, um coelho... O cão dispára... mas, vendo-o fugir, o cão põe as patinhas no chão e a correr nunca mais pára!

VI— O que, às vezes, perde a gente é a própria presunção e eis a moral da lição! Superior é, sòmente, quem cumpre a sua missão.